

# Proteção Desastrosa

S. III. 52

Quando o deputado paulista, sr. Herbert Levy, denunciava, na Câmara, que o Instituto de Açúcar e do Alcool pretendia obrigar o produtor do seu Estado a um aumento que não pedira, não desejava e talvez lhe contrariasse os interesses, surgiram alguns deputados do Nordeste em defesa da providência, que reputavam útil e necessária à industria açucareira da sua região.

Retrata-se, aqui, ao vivo, o verdadeiro caráter do intervencionismo econômico que se tem praticado em nosso País. Desprezam-se por completo os interesses do consumidor, que são os da população em geral, para atender, não já aos interesses legítimos do produtor, senão somente aos espúrios interesses do produtor menos capaz e eficiente. No regime da livre iniciativa, que ainda é o nosso, a concorrência afasta os menos aptos e neste sacrifício assenta o progresso da economia e o bem-estar da população; vem, porém, o Estado, reúne compulsoriamente os produtores, impõe-lhes uma disciplina, a fim de proteger, à custa dos consumidores, que pagam a diferença, os produtores que, de outra forma desapareceriam por ineptos. Isto é, sem tirar nem pôr, o que está sucedendo com o açúcar. O pobre está sendo obrigado a pagar mais Cr\$ 1,30 por quilo, a fim de se poderem manter alguns produtores, a que a própria incapacidade confere privilégios, em vez de condenar ao desaparecimento.

Dir-se-á, porém, que não se trata, no caso do açúcar, de uma questão simplesmente econômica mas essencialmente política. É necessário atender ao normal desenvolvimento das várias regiões do País e garantir-lhe a unidade, que de outra forma se romperia. Se a industria de uma zona luta com certas dificuldades, exige o interesse nacional que ela seja amparada, ainda que com algum sacrifício das demais zonas.

Assim, no caso do açúcar, pareceria que o nordeste não pode concorrer com S. Paulo, mas a falência da industria açucareira do nordeste teria graves consequências econômicas e políticas, se chegasse a consumir-se. Seriam os altos deveres da solidariedade nacional que justificariam a política praticada pelo Instituto de Açúcar e do Alcool e, há dias, criticada pelo representante paulista. Se pode condená-la um simples economista, que nada queira ver além do horizonte da sua ciência, não a pode deixar de aceitar um patriota, preocupado, antes de tudo, com a grandeza do Brasil. Assim argumentam os nordestinos no caso do açúcar.

Que esta não é absolutamente a hipótese, demonstrou-o exuberantemente o ilustre deputado paulista. Não tem o Estado sulino melhores condições naturais que os do Nordeste para a produção de açúcar. O que se verifica, geralmente em São Paulo, é melhor organização da lavoura e da industria. Há também no Nordeste numerosas usinas cujo rendimento é comparável às do Sul e que, por isto, não pleiteiam e não desejam o aumento imposto pelo Instituto, em benefício das usinas menos eficientes. Não se trata, pois, de proteger uma zona do País contra a concorrência vitoriosa de outra zona mais bem dotada: trata-se, isto sim, de defender os produtores menos capazes, contra os mais capazes e progressistas, a todos pondo no mesmo pé, com evidente detrimento do consumidor. Há um nivelamento por baixo, que suprime a concorrência e a consequente seleção, fundamento e justificação da economia livre e acabará fatalmente prejudicando irremediavelmente as próprias regiões que, com tal prática, se pretende proteger.

Foi o que demonstrou com meridiana clareza o sr. Herbert Levy, a propósito do açúcar. Os dois problemas básicos da industria canavieira no nordeste são a melhoria das terras

pela adubação racional, etc. e a modernização do aparelhamento industrial. Dêles, porém, nunca cuidou o Instituto, que se tem limitado a conceder favores de caráter individual e excepcional, justamente aos produtores mais incapazes e imprevidentes. Para que estes continuem tranquilamente imprevidentes, nunca para modernizar usinas, é que se fazem novos aumentos de preços, como o que agora acaba de provocar a reação do produtor paulista.

Ora, que sucederá necessariamente, a persistir semelhante orientação? "Os lucros da industria e da lavoura canavieira no meu Estado — diz o deputado paulista — serão tão enormes, tão fabulosos, que, cedo ou tarde a industria e a lavoura do Nordeste não poderão resistir. As terras do meu Estado estão sendo assediadas, cada vez mais, pelos plantadores e usineiros de cana, que delas afastam plantadores de algodão e de café. Muito antes dessa alta de preços, os usineiros e os plantadores de cana de açúcar em meu Estado já tiravam braços das industrias e lavouras vizinhas, porque tinham margem de lucro muito maior. Como se vai elevar ainda mais essa margem?"

Quer isto dizer, simplesmente, que a política do Instituto do Açúcar e do Alcool, ou, para falar em termos mais gerais, a política intervencionista introduzida há mais de vinte anos, no País, pelo sr. Getulio Vargas, acabará arrazando o Nordeste que diz querer proteger, e produzindo profundas perturbações no Sul, que de tal proteção não precisa.

Produzir menos e mais caro, parece ser o lema desta política suicida de constantes e artificiosas valorizações.